

CRUZANDO PORTO ALEGRE - UM ESTUDO DA MODERNIDADE URBANA DE PORTO ALEGRE ATRAVÉS DA OBRA “CAMINHOS CRUZADOS” DE ERICO VERÍSSIMO

*CROSSING PORTO ALEGRE - A STUDY OF THE URBAN
MODERNITY OF PORTO ALEGRE THROUGH THE WORK
“CAMINHOS CRUZADOS” BY ERICO VERÍSSIMO*

Débora Grando Schoffel¹
Daniela Marzola Fialho²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a modernidade urbana e as mudanças da cidade de Porto Alegre através dos Romances de Urbanização, compreendendo a Literatura como fonte privilegiada. Especificamente com o uso da obra “Caminhos Cruzados” publicada por Erico Verissimo no ano de 1935, considerada uma das obras pioneiras que representam o romance urbano em todo o Brasil, a obra tem como cenário de seu enredo a capital gaúcha. O final da década de 30 no Rio Grande do Sul está marcado pelo crescimento da população urbana e como consequência deste crescimento as questões de saúde pública demandavam aten-

1 Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (2014). Especialista em Territórios Colaborativos pela ICS e ISCTE de Lisboa. Mestre em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, sob orientação da Prof. Dra. Andrea Soler Machado escreveu como bolsista CAPES a dissertação intitulada “Os Ratos e Os Rastros: a construção da realidade urbana através das palavras.” Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Planejamento Urbano e Regional/UFRGS, área de concentração Cidade, Cultura e Política, sob orientação da Prof. Daniela Marzola Fialho. Integra o grupo de pesquisa GEDURB/PROPUR. Trabalhou como Professora na Universidade de Passo Fundo e atualmente faz parte da equipe de arquitetos da ArqAtualiza.

2 Graduada em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - (1989), Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR/UFRGS (1999). Doutora em História pela PPG/Historia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010), sob a orientação no início da Profa. Dra. Sandra Jatahy Pesavento e no final da Profa. Dra. Susana Bleil de Souza. Realizou estágio de doutoramento no exterior com bolsa da CAPES -PDDE-(2006-2007) na EHESS - École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França, sob a orientação do Prof. Dr. Jacques Leenhardt. Foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS) com mandato de 26/11/2013 a 31/03/2016. Realizou Pós-Doc (2018-2019) junto a EHESS - École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França, sob a orientação do Prof. Dr. Jacques Leenhardt. Atualmente é professora associada 2 na Faculdade de Arquitetura e no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro pesquisador e Coordenadora da Mapoteca do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História do Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: história urbana, cartografia urbana, planejamento urbano, políticas públicas, arquitetura e política sindical.

ção, pois o acesso ao saneamento urbano adequado era precário, bem como a capacidade da população em circular pela cidade além de que os limites da cidade estavam sendo ampliados através da venda de terrenos em novas áreas. A obra a ser estudada trata de como se entrelaçam as vidas de seis famílias, sendo três delas integrantes da alta sociedade as outras três representantes da classe trabalhadora, todas residindo em Porto Alegre. Pretende-se compreender em que regiões da capital habitavam -entre o Bairro Moinhos e o Centro Histórico -e de que maneira estes mesmos personagens circulavam pela cidade. Relacionando as informações pinçadas do romance escrito por Erico Verissimo com os dados históricos da capital para que se possa compreender como modernidade urbana da cidade foi incorporada pela população de Porto Alegre.

Palavras-Chave: Modernidade urbana. Porto Alegre. Erico Verissimo.

ABSTRACT

The present work aims to study the urban modernity and changes in the city of Porto Alegre through Urbanization Romances, understanding Literature as a privileged source. Specifically with the use of the work "Caminhos Cruzados (Crossed Pathes)" published by Erico Verissimo in 1935, considered one of the pioneers works that represents the urban novel throughout Brazil, the work has the state capital as the scenario of its plot. The end of the 1930's in Rio Grande do Sul is marked by the growth of the urban population and, as a result of this growth, public health issues demanded attention, as access to adequate urban sanitation was precarious, as well as the population's ability to move around the city beyond that the city limits were being expanded through the sale of land in new areas. The book to be studied deals with how the lives of six families intertwine, three of which are members of high society and the other three representatives of the working class, all residing in Porto Alegre. It is intended to understand in which regions of the capital they lived -between Moinhos and the Historic Center -and how these same characters circulated around the city. Relating the information taken from the novel written by Erico Verissimo with the historical data of the capital so that it is possible to understand how urban modernity of the city was incorporated by the population of Porto Alegre.

Keywords: Urban Modernity. Porto Alegre. Erico Verissimo.

INTRODUÇÃO

Para se conhecer um pouco mais do romance, em análise no presente artigo, é preciso compreender um pouco a história de seu escritor - Erico Verissimo. Suas obras mais celebradas situam-se na considerada terceira fase de sua literatura, a epopeia literária *O Tempo e o Vento* (1949-1961), romances que descrevem a história do Estado do Rio Grande do Sul desde sua colonização. Entretanto, pode se destacar a importância de seus primeiros romances, como *Clarissa* (1933), *Caminhos Cruzados* (1935) e *Olhai os Lírios do Campo* (1938), pois a partir da leitura destes romances pode-se perceber o processo de modernização da cidade de Porto Alegre e como esse afetou

seus habitantes.

Caminhos Cruzados aborda cinco dias da semana descritos através do olhar de múltiplos personagens que pertencem a várias camadas sociais da população de Porto Alegre. O romance cria uma imagem de entremeio, na qual as personagens de um núcleo mais abastado convivem e entrelaçam-se com as personagens de um núcleo mais simples.

A compreensão do fenômeno de modernidade urbana de uma cidade aponta como contexto “a transformação física da cidade voltada aos progressos e aos avanços tecnológicos de uma época” (SOUZA, 2008, p. 15). Optou-se, para melhor compreensão do que pode ser “lido” no romance *Caminhos Cruzados* dividir a cidade em três áreas -a zona dos subúrbios, a zona do Moinhos de Vento e a zona central. A partir desta divisão poder-se-á compreender as nuances da modernidade urbana da capital gaúcha através da visão dos personagens de Erico Verissimo.

1 ERICO VERISSIMO

Erico Lopes Verissimo nasceu em Cruz Alta, no dia 17 de dezembro de 1905, e faleceu no dia 28 de novembro de 1975. Sua extensa obra começa a ser publicada na década de 30 e teve sua última obra publicada postumamente em 1976.

O autor teve meningite na infância, o que fez com que ele se recolhesse e buscasse diversão na leitura e no estudo. Ainda criança foi mandado para estudar em um internato em Porto Alegre, mas devido ao divórcio entre seus pais, por volta dos dezesseis anos, retorna para o interior do Estado, onde acaba aceitando um emprego simples, para ajudar a pagar as contas da casa:

Em Cruz Alta, de volta de Porto Alegre, onde cursava o Colégio Cruzeiro do Sul interno. Exatamente no dia em que cheguei à casa de meus sonhos, das minhas fantasias e da minha saudade, meu pai e minha mãe se separaram. Caí num estado de profunda depressão, decidi abandonar o curso ginasial inacabado e começar logo a trabalhar. E naquele resto de dezembro eu me preparei masoquisticamente para um Natal triste. Evitei os amigos. Fugi às festas. Entreguei-me a verdadeiras orgias de autocomiseração. Aceitei um emprego, com um salário ínfimo, no armazém duma firma que fornecia gêneros alimentícios para a guarnição federal da cidade (VERISSIMO, 2011, p. 18).

Após sair do armazém Verissimo passa a trabalhar em um banco, emprego no qual o escritor relata que sua inaptidão com números ficou muito escancarada, pelos inúmeros erros nos livros de contabilidade. Em virtude disso é nomeado como Chefe da Carteira de Descontos. O autor descreve que um de seus orgulhos “era o de saber escrever a máquina com os dez dedos e depressa, sendo assim capaz de fazer um memorando por minuto, desses em que o banco pede a tal e tal firma que venha resgatar uma duplicata vencida” (VERISSIMO, 2011, p. 20).

De bancário passa a boticário. Erico Verissimo narra que passava as tardes dividido entre três mundos. O primeiro da venda dos medicamentos. O segundo da literatura - lia romances escorado ao balcão da farmácia enquanto não haviam fregueses. E o terceiro era o da paixão pela filha do italiano que morava em frente a farmácia. Enquanto trabalha como boticário Erico tem seu primeiro conto publicado na revista *Globo*, intitulado *Ladrão de Gado*. Verissimo conta que nesse período retornava à Porto Alegre sempre que o dinheiro permitia, pois gostava muito de ir ao cinema e ver as novidades na cidade.

A virada do ano de 1929 para 1930 foi um período muito delicado na vida do autor, logo após pedir a mão de sua namorada em casamento:

[A] farmácia foi à bancarrota. Deflagrou-se a Revolução de Outubro, que levaria Getúlio Vargas ao poder. Olhei-a com cética desconfiança. Não, me candidatei a centauro dos pampas. Estava falido, sem vintém no bolso: sem profissão certa... e noivo. Decidi então abandonar minha cidade natal e mudar-me para a então pouco querida Porto Alegre. (os olhos tristes de minha mãe!). Prometi ao futuro sogro e à noiva que tão logo encontrasse um emprego na capital do estado, eu me casaria com a moça. O “velho” Volpe deu-me um crédito de confiança emprestando-me sua máquina de escrever portátil, já que eu pretendia continuar fazendo literatura, talvez um dia como profissão (VERISSIMO, 2011, p. 25).

Observa-se que apesar de grandes problemas Erico Verissimo nunca abandonou seu amor pela leitura e nem pela escrita. Verissimo relata que passou cerca de um ano -entre 1930 e 1931 -palmilhando a capital gaúcha na procura de um emprego o qual fosse capaz de fornecer sustento para ele e sua potencialmente crescente família, já que estava noivo. Descreve uma situação em que fala com Moysés Vellinho na não proveitosa procura de uma vaga de emprego na secretaria de Oswaldo Aranha (VERISSIMO, 2011, p. 26). Sua sorte vira quando se encontra com Mansueto Bernardi e lhe é

ofertada a vaga de editor da revista do Globo (VERISSIMO, 2011, p. 26 e 27).

No ano de 1932, Verissimo cria coragem e pede a Henrique Bertaso para publicar o seu primeiro livro, tratava-se de uma coletânea dos contos que Verissimo já havia publicado na revista - a obra intitulou-se *Fantoches*. A coletânea não foi muito bem recebida pela crítica, e apesar da elevada quantia de críticas negativas algumas publicações de elogios fizeram com que Verissimo se mantivesse na estrada autoral (VERISSIMO, 2011, p. 34). No ano seguinte publicaria *Clarissa*, romance que foi bem aceito pela crítica e em seguida *Música ao Longe*.

Em 1935, após passar oito meses traduzindo o romance *Contraponto* de A. Huxley, Verissimo lança o romance *Caminhos Cruzados*. Segundo ele, a crítica vê muita semelhança entre o formato da escrita de Huxley, entretanto o autor relata que, nesse romance, teve outras inspirações, como: *Manhattan Transfer* de John dos Passos e *Moedeiros Falsos* de André Gide (VERISSIMO, 2011, p. 39). A obra que impulsionou a carreira de escritor de Erico Verissimo foi *Olhai os Lírios do Campo*, lançado no ano de 1938, este romance ganhou proporções nacionais e esgotava-se imediatamente na chegada às livrarias.

Na década de 40, devido a problemas com a censura política do Estado Novo, mudou-se duas vezes com a família para os Estados Unidos da América, a primeira no ano de 1941, quando ficou cerca de 3 meses e a segunda no ano de 1943 quando permaneceu por 2 anos. Neste período fora de sua terra natal escreveu dois romances baseados na vida de forasteiro. Em seu retorno ao Brasil publica, o que a crítica reconhece atualmente como sua obra prima, a epopeia *O Tempo e o Vento* dividida em três livros: *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*. A obra totaliza cerca de 2,2 mil páginas, nas quais o escritor retrata a história da formação do Estado do Rio Grande do Sul.

A obra de Erico Veríssimo, escritor reconhecido como um dos principais escritores modernistas brasileiros (APPEL, 1983)³, não carrega apenas a literatura em si, o autor era capaz de expressar através de seus escritos informações fantásticas sobre a realidade da população gaúcha e brasileira, fazendo, inclusive, críticas ferrenhas à governos e posturas de regentes da nação, como pode claramente ser observado em *Caminhos Cruzados*, *Olhai os Lírios do Campo*, *O Tempo e o Vento* e *Incidente em Antares*.

3 Não é objetivo deste artigo discutir a relação de Erico Veríssimo com o modernismo literário.

2 CAMINHOS CRUZADOS, UM ROMANCE DE ERICO VERISSIMO

A obra *Caminhos Cruzados* sabe-se que teve inúmeras fontes de inspiração, entretanto, as semelhanças entre os romances estrangeiros e *Caminhos Cruzados* encerram-se na inspiração da escrita. O romance do escritor gaúcho possui os próprios personagens, trama e cenário. E, como o próprio escritor afirma: a obra passou mais de oito meses engavetada, aguardando o momento certo para ser publicada (VERISSIMO, 2011, p. 39).

Os personagens do romance dividem-se no núcleo nobre formado por: o proeminente comerciante Teotônio Leitão Leiria, sua mulher, Dodó, e Vera, filha do casal; a família do também comerciante Honorato Madeira, com a esposa Virgínia, e o filho Noel; e a do ex-comerciante do interior, atual ricoço na capital, José Maria Pedrosa, sua mulher, Maria Luisa, e sua filha Mariana, apelidada de Chinita e Manuel o filho festeiro (figurante sem atuação efetiva). Além dessas famílias há dois importantes personagens avulsos: o desfrutável advogado Armênio Albuquerque, e o boa-vida Salustiano Rosa, chamado em muitos trechos do livro simplesmente de Salu. O segundo núcleo será formado pelos personagens mais pobres separados também em famílias: a da viúva Eudóxia, mais os filhos Fernanda e Pedro; a do desempregado sonhador João Benévolo, com a mulher Laurentina e o filho Manuel, a do tuberculoso moribundo Maximiliano, sua esposa e dois filhos chamados no romance de Pidoca e Bidinho. Também nesse nível há três importantes personagens soltos: o professor Clarimundo Roxo, que mora na pensão de D. Veva e a encantadora prostituta Cacilda.

Para que fique mais clara a interação que os grupos têm durante o enredo usa-se o exemplo da personagem Fernanda. A jovem vive com a mãe e o irmão na casa da família situada na Travessa das Acácias, sendo vizinha da pensão de D. Veva, da família de João Batista e de Maximiliano. Fernanda era colega de escola de Noel e os dois acabam constituindo um casal. Noel por sua vez é filho do rico comerciante Honorato Madeira. Fernanda trabalhava como datilógrafa no Bazar Continental, firma de Leitão Leira, entretanto acaba sendo demitida a pretexto de suas ideias subversivas, porém o chefe estava apenas criando uma vaga para favorecer um conhecido.

A narrativa de *Caminhos Cruzados* inicia com o amanhecer de sábado e encerra-se subitamente numa quarta-feira. O conflito do romance desenrola-se neste período de tempo, mas não apresenta um início definido e muito menos um encerramento adequado. O autor transporta o leitor para dentro destes relatos de vida dos personagens e encerra o romance sem arrematar os pontos, deixando para a imaginação do leitor o que acontecerá na sequência. Através de sua narrativa Erico Verissimo intercala no enredo

do romance a interação entre as camadas sociais da cidade que está passando por seu processo de modernidade urbana, a técnica de escrita que se usa da simultaneidade e conforme Costa (2012, p.48) ajuda a perceber que:

[É] através desses cruzamentos de caminhos, num painel social variado, que se realiza uma contundente crítica social, contudo realizada de modo diferente daquela feita pelo romance proletário: não trazia em si a ideia de revolta ou revolução. Tampouco a estrutura econômica é colocada em questão, embora o dinheiro esteja no centro das preocupações das personagens.

Destaca-se também que *Caminhos Cruzados* diferencia-se das obras anteriores de Erico Veríssimo, pois neste romance o autor trata a cidade como um elemento mais realista, por meio de elementos de justaposição criados através das vivências dos personagens. Isto é diferente do que se observa em *Clarissa*, onde Veríssimo traz uma visão mais romântica da cidade. *Caminhos Cruzados*, mostra a modernidade urbana de Porto Alegre e como essa questão afeta, de maneira positiva ou negativa, os seus integrantes.

Pela leitura cuidadosa de *Caminhos Cruzados*, pode-se observar a vivacidade e a modernidade urbana da cidade de Porto Alegre, pois no decorrer da obra são citados cerca de trinta lugares diferentes, entre fictícios e reais:

- a) Fictícios: Travessa das Acácias, o Beco, Edifício Colombo, Clube Metrópole, Palacete dos Pedrosa;
- b) Reais: Associação Cristã de Moços, Galeria Chaves, Theatro São Pedro, Rua dos Andradas, Cinema Imperial, Catedral Metropolitana, Clube de Regatas, o bairro Tristeza, Ipanema (praia), o Country Club, a Ilha das Pedras Brancas, Morro do Sabiá, Praça da Matriz, Araújo Viana, Ponta da Cadeia, Parque da Redenção, Avenida Independência, Belém Novo (terrenos novos na praia), Espírito Santo (terrenos novos na praia), Navegantes, Caminho Novo (Rua Voluntários da Pátria), Rua da Olaria (Rua General Lima e Silva), Igreja do Rosário, Correios e Telégrafos (Memorial do Rio Grande do Sul), Praça da Alfândega e Rua da Margem (João Alfredo).

Todos os lugares, mesmo os fictícios, estão ligados a áreas da capital. A Travessa das Acácias fica no centro e é o local de moradia das famílias da classe mais pobre do romance, já o outro núcleo, das famílias mais abastadas, mora no bairro (real) denominado Moinhos de Vento. Ainda se observa uma terceira região muito citada no livro: a zona sul (Tristeza e

Ipanema, por exemplo) um dos espaços de expansão da capital na época em que o romance foi escrito.

3 A MODERNIDADE URBANA DE PORTO ALEGRE

Para a compreensão da modernidade na cidade de Porto Alegre, se exploram as características de mudanças que foram realizadas em Paris no decorrer de sua modernidade urbana:

Considerando a perspectiva de um aumento de fluxos naturais e humanos que então passavam a caracterizar o espaço urbano, as elites das Luzes reconheciam na cidade uma capacidade de crescimento que também rompia com as representações tradicionais da *cité*. A cidade fechada, cercada de fortificações ou de bulevares difíceis de deslocar, era substituída por uma cidade com limites sempre provisórios, a serem tratados de forma dinâmica. Paralelamente, começava a nascer a ideia de uma solidariedade econômica entre as cidades dispersas no território. A noção de malha urbana iria emergir progressivamente de um conjunto de reflexões sobre essa solidariedade (PICON, 2001, p. 96).

Sobre essas questões da modernização das cidades europeias se delimitam pontos fundamentais que auxiliam os urbanistas na compreensão de como o território urbano deveria se desenvolver e de como o urbanismo poderia auxiliar na solução dos “males” que atingiam as cidades. Como aponta Calabi (2012, p.8 e 9):

E, especificando ainda mais, percebe-se que essa aproximação estabelece de maneira bem repetitiva os diversos pontos (...):

- A habitação (os fatos mais terríveis são as condições de moradia operária, ou, simplesmente, dos pobres das grandes cidades do século XIX); os tópicos da literatura e das pesquisas oficiais ou particulares (promovidas por entidades públicas, obras de caridade ou por sociedades beneficência) são a superlotação, a densidade, os padrões ideais, os serviços urbanos higiênico-sanitários, os esgotos, o abastecimento de água a degradação da construção;
- Os lugares de trabalho, o ritmo de crescimento físico, as distancias, os equipamentos de serviço público; e
- Os transportes (a relação centro antigo e periferia).

As mudanças ocasionadas pela modernidade que aconteciam em diversas cidades do mundo, também são descritas por Berman no livro *Tudo que é sólido desmancha no ar* no qual ele analisa essa questão em cidades como Paris e São Petersburgo. Suas descrições auxiliam na procura dos sinais desse processo de modernidade urbana:

[P]ara tentar identificar os timbres e ritmos peculiares da modernidade do século XIX, a primeira coisa que observaremos será a nova paisagem, altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica, na qual tem lugar a experiência moderna. Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano; jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de media, que se comunicam em escada cada vez maior; Estados nacionais cada vez mais fortes e conglomerados multinacionais de capital; movimentos sociais de massa, que lutam contra essas modernizações de cima para baixo, contando só com seus próprios meios de modernização de baixo para cima; um mercado mundial que a tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estarrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade (BERMAN, 1986, p. 15).

Ainda compreendendo o processo de modernidade urbana é necessário perceber que o próprio habitante destas cidades se sente em um processo de mudança e adaptação, pois ‘no século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm a chamar-se “modernização”’ (BERMAN, 1986, p. 16). A partir da compreensão dos elementos da modernidade urbana internacional, passa-se a maneira pela qual este processo chegou à capital do Rio Grande do Sul que se deu, em parte, através do Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre. O Plano é considerado uma obra do engenheiro-arquiteto João Moreira Maciel:

[L]ançado em 1914 e trazia propostas de transformação da cidade “colonial” em uma cidade moderna, saneada e embelezada. Esse plano, representava para a municipalidade um forte instrumento político, tendo em vista que representava uma possibilidade concreta de modernização da cidade, mesmo que sua implantação não fosse imediata (SOUZA, 2008, p. 241).

A modernidade urbana da capital gaúcha, segundo Souza (2008, p. 241), foi dividida em três grandes frentes: circulação, higiene e embelezamento,

[A]ssim, visando ao saneamento dos baixios insalubres e dos vales, abrindo os espaços congestionados para a circulação de todos os fluxos e tendo no embelezamento da cidade uma orientação constante é que foi pensado o novo plano. Ele se destacava pelas aberturas de novas avenidas, pelas propostas de alargamentos e prolongamentos de vias, pelo seccionamento dos quarteirões longos, pela ligação de segmentos de ruas para implantar avenidas concêntricas ou reforçar radiais, pela criação de vias de aproximação, pela criação de rôtulas e, ainda, por parques para a cidade em diferentes escalas. Devido a essas características urbanísticas o Plano de Melhoramentos se aproximava, em parte, do modelo haussmanniano e das obras realizadas na reforma de Paris, que ainda se viam em execução no início do século XX.

A reformas propostas para Porto Alegre no ano de 1914 por João Moreira Maciel só começaram a ser implantadas na capital gaúcha em 1924. O Plano Geral de Melhoramentos foi o instrumento principal para a chegada de uma nova fase para a capital gaúcha, suas diretrizes transformaram e desenvolveram a cidade em diferentes pontos. Pesavento (2002, p. 281) ressalta as principais mudanças urbanas preconizadas no Plano Geral de Melhoramentos:

desse sonho instaurador da modernização se consagrava uma proposta realmente inovadora: a destruição de becos da zona central da cidade, a correção dos desníveis de área, mais especificamente a colina que atravessava a península no sentido leste-oeste, dificultando a ligação norte-sul, e o alargamento ou prolongamento das transversais da Rua dos Andradas, a tradicional Rua da Praia. Tal conjunto de intervenções, que na prática implicaria uma verdadeira cirurgia urbana, pois representava romper a montanha, com a inauguração de uma larga avenida e viaduto, seria iniciado na gestão seguinte, de Otávio Rocha. Mas -repetimos mais uma vez -a ousadia de sua concepção, a inserção do sonho moderno nos quadros do urbanismo coube a Maciel, na gestão Montaury.

Ao compreender-se a modernidade urbana de Porto Alegre através do Plano Geral de Melhoramentos fica claro que as propostas para a cidade

levaram em conta as questões de habitação da zona central quando se observa a orientação para “a destruição de becos” (PESAVENTO, 2002, p. 281) os quais eram a moradia de parte da população. Em seguida destaca-se a “correção dos desníveis de área” (PESAVENTO, 2002, p. 281) uma preocupação relacionada com a questão dos transportes na capital, pois os mesmos estavam dificultando o acesso às zonas de expansão da cidade. Em um terceiro ponto observa-se “alargamento ou prolongamento das transversais da Rua dos Andradas, a tradicional Rua da Praia” (PESAVENTO, 2002, p. 281) áreas compreendidas como centro comercial da cidade e que eram os lugares de trabalho ou lazer da população na época. Estas preocupações podem ser relacionadas diretamente com as apontadas por Calabi (2012, p. 8 e 9): habitação, localização dos locais de trabalho, zonas de expansão e os meios de transporte.

A década de 30 em Porto Alegre também foi responsável pelo início das construções em altura e com caráter moderno destaca-se a presença da cultura dos arranha-céus aprendida pelos arquitetos e engenheiros brasileiros que se especializavam também em solo americano, especificamente nos Estados Unidos (LUCCAS, 2004). Portanto, quando se trata da questão da modernidade urbana em Porto Alegre os pontos a serem observados no presente artigo são: que tipo de desenvolvimento a cidade apresentava (quais áreas desenvolviam-se e em que sentido), onde morava a população seja ela a classe alta ou a classe baixa e quais eram os transportes que cada parcela da população tinha acesso. A partir destas indagações parte-se para análise da Porto Alegre narrada no romance da urbanização intitulado *Caminhos Cruzados*.

4 CAMINHOS CRUZANDO PORTO ALEGRE

O romance de Erico Verissimo ajuda a descrever a “tensão entre dois mundos distintos, de riqueza e precariedade” (POLESSO, 2017, p. 173). Através dele, Verissimo relaciona áreas importantes da cidade com personagens, formando uma espécie de colcha de retalhos, pois os personagens e a sua localização compõem perfeitamente a ideia do romance mostrando como o entrelace das vidas destes personagens trazem uma descrição da cidade de Porto Alegre durante a sua modernidade urbana. “Os caminhos das personagens se cruzam muitas vezes apenas pela vista da janela, tão pequena a vida social disponibilizada pela cidade. Era a cidade, nos moldes como conhecemos hoje, em pleno processo de formação” (POLESSO, 2017, p. 90 e 91).

Em uma das passagens de *Caminhos Cruzados*, em que dialogam os personagens Fernanda e Noel, pode-se perceber claramente como os dois

mundos coexistiam no romance:

Noel sorri, seu rosto como que se enche duma claridade maior. Agora ela entra francamente nos seus domínios, não é mais a Fernanda preocupada com as desgraças do próximo, a Fernanda das coisas práticas.

— Muito bem. Descobri uma coisa notável. Ibéria, de Debussy. Leva a gente para o sétimo céu. Maravilhoso.

Música para gente rica e desocupada — pensa Fernanda. Mas nada diz. Está resolvida a não amargar o domingo de Noel.

— Sugestiva? — pergunta.

— Muito. Foi a viagem mais bela que fiz pela Espanha.

Noel lembra-se de que a revelação foi tão grande, a beleza tanta que ele teve de fazer um esforço tremendo para não chorar. Continua a falar com animação. Positivamente: agora está no seu mundo.

E enquanto ele fala, Fernanda pensa na sua rua cinzenta, em Maximiliano, e seu quarto pobre, nos filhos de Maximiliano, em João Benévolo e sua gente...

(...)

Mas Noel está ouvindo mentalmente Debussy. Fernanda não ouve nem Noel, nem Verdi, nem Debussy: está vendo com os olhos interiores um dia indiscutível em que o esforço dos homens de boa vontade, sem violência nem fanatismo, possa igualar as diferenças sociais (VERISSIMO, 2016. p. 174 e 175).

Opta-se por analisar a dividida, mas entrelaçada cidade representada em *Caminhos Cruzados* conforme Cruz em seu estudo de tese (1994, p. 63) seccionando a em três grupos:

- a) O primeiro grupo representará a zona dos subúrbios;
- b) O segundo grupo representará a zona do Moinhos de Vento;
- c) E o terceiro grupo representará a zona central.

Serão analisados dentro de cada um dos três grupos: o modo de vida dos personagens, quais meios de transporte acessavam ou atravessavam o bairro e que tipo de caráter cada bairro representado no romance possuía, por exemplo: industrial, residencial ou comercial.

4.1 A zona dos subúrbios

Iniciou-se pela zona que tem menor participação no romance, a zona dos subúrbios. Esta se caracteriza pelas descrições da zona industrial de Navegantes e a zona balneária de Ipanema. A zona com caráter industrial de Navegantes não é cenário para nenhuma cena do romance. Nenhum personagem trabalha na região. Não se sabe que tipo de transporte é utilizado e nem quem eram os moradores da região. A zona aparece apenas como uma visão das fábricas através das vidraças das janelas do alto apartamento central do personagem Salu:

Longe se estende o casario raso dos Navegantes, com as suas chaminés a darem a impressão de troncos desganhados duma floresta depois do incêndio (VERÍSSIMO, 2016: p. 39).

Já a zona sul é um pouco mais presente, a região é representada como uma fuga do centro, uma região balneária onde os estresses da vida poderiam ser amenizados, conforme pode ser observado na reportagem da Figura 1 a zona poderia ser acessada via automóveis ou via trem. Personagens como Noel, Fernanda e Salu usam esta região da cidade para espairecer.

Figura 1 - Reportagem sobre a zona sul.



Fonte: (A FEDERAÇÃO, 1935, p. 3)

Quando passeiam por lá o casal sente um afastamento dos problemas que as suas vidas urbanas apresentam (ele pressionado pela família para iniciar a trabalhar e ela que foge dos problemas do trabalho na grande loja de Leitão Leira). Noel se encanta com a região, mas ao mesmo tempo Fernanda não se reconhece como parte desta vida bucólica que a região sul oferece, a relação com o Guaíba é muito forte e a ideia de balneário estava bastante presente em todas as descrições.

Em sua primeira aparição a zona sul é descrita pelos personagens Noel e Fernanda:

Ipanema.

O rio está tranqüilo e o horizonte é dum verde tênue e aguçado que se vai diluindo num azul desbotado. As montanhas ao longe são uma pincelada fraca de violeta. A superfície da água está toda crivada de estrelinhas de prata e ouro. Longe aparece o casario de Pedras Brancas, na encosta dum morro. Mais perto o Morro do Sabiá avança sobre o rio. O céu é tão azul, tão puro, e luminoso, que Noel simplesmente não acredita que seja um céu de verdade.

Ele diz a Fernanda.

— Parece um céu de sonho, de contos de fadas.

Fernanda sorri.

— E no entanto é um céu de verdade...

Calam-se. Uma rapariga loura de maiô vermelho passa por eles a correr descalça; os pés a afundarem na areia (VERISSIMO, 2016: 167 e 168).

Já o personagem Salu, chega à região sul a bordo do seu próprio automóvel, desfrutando a possibilidade de deslocar-se a seu bel prazer pelas regiões da capital gaúcha. O personagem descreve a mesma sensação de calma na região e também relata mais nomes de balneários que estão sendo abertos na região, conforme pode ser observado na Figura 2 e no trecho ao lado:

Figura 2 - Anúncio de terrenos.

Balneário

ESPIRITO SANTO

Terrenos a prestações **SEM** juros



Recanto da maravilhosa praia do Espírito Santo

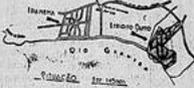
*Ruas J.A. calçadas
Água J.A. canalizada*

*Magníficos lotes, tanto
internos como à beira-rio,
altos e com denso matto!*

*Teremos o maior
prazer em lhe proporcionar um agradável passeio, sem compromisso.*

Dirija-se à:

Distante 10 kms. da capital e sómente 1 km do IPANEMA, com acesso provisório pela Estrada de Belém, seguindo as setas indicadoras, e em breve, pela praia.



Galeria Municipal 51 – Phone 6108

Fonte: (A FEDERAÇÃO, 18/06/1934, p. 5).

Do lado esquerdo da estrada aparecem chalés e bangalôs, quintas e pomares, barrancos sangrentos vertendo água, cerca com mourões de granito, árvores isoladas. Às vezes um cachorro salta de dentro dum jardim e sai a perseguir o automóvel, latindo furiosamente.

Na ponta dum trapiche um rapazola em mangas de camisa pesca com caniço. À porta dum clube de regatas dois remadores conversam; camisetas verdes, maiôs justos, braços, coxas e pernas à mostra.

Salu vai num adormecimento... A marcha do carro é macia. A tarde, morna. Chega-lhe às narinas um cheiro fresco de mato. Cartazes anunciam terrenos em praias novas: Guafába, Espírito Santo, Belém Novo, Ipanema... Na encosta dum morro, em meio da massa verde-escura do arvoredo, berra o telhado coralino duma casa nova. A faixa de cimento corre na frente do automóvel, torcendo-se como uma enorme jibóia cinzenta.

Um automóvel bege cruza pela baratinha de Salu em sentido contrário, veloz. O horizonte está cada vez mais afogueado. A ponta do sol começa já a desaparecer na linha do

horizonte. Longe, a cidade parece uma pintura de biombo chinês. (VERISSIMO, 2016, p. 222 e 223)

4.2 A zona do Moinhos de Vento

Região em que vivem as três famílias mais abastadas descritas no romance: a Leiria, a Madeira e a Pedrosa. “A denominação do bairro decorreu do nome da Rua 24 de outubro, que até 1930 se denominava Rua Moinhos de Vento” (FRANCO, 2018, p. 274). O crescimento do bairro Moinhos de Vento foi impulsionado com a abertura da via Independência e “mais tarde, a inauguração do Hospital Alemão, em 1927 (a partir de 1942, Hospital Moinhos de Vento), atrairia pessoas abastadas, bem como o hipódromo, e suas práticas ligadas à ao jogo e ao turfe, muito presentes no Estado” (POLLESSO, 2017, p. 173). Entretanto, nas descrições da região no romance nem o hospital e nem o turfe são citados.

Clarimundo, é o único personagem do núcleo menos abastado a descrever a região do Moinhos de Vento, o professor narra a chegada ao palacete dos Pedrosa:

Como todas as vezes, fica por um instante desorientado. A casa da esquina, porém, — iniludível, com o seu torreão quase gótico e os ciprestes esguios no jardim — é um ótimo ponto de referência.

Clarimundo entra na ruazinha arborizada. A sombra das árvores é tênue sobre as calçadas. Folhas secas juncam o chão. O ar está parado, e o céu claro.

Clarimundo caminha pela alameda de palmeiras. Lá no fundo está a casa. Um jardineiro preto segura a mangueira e despeja um jorro d’água contra os canteiros de relva. Que parque enorme! Pinheiros, palmeiras, árvores japonesas, pequeninas e podadas, plátanos (quase desgalhados), arbustos desconhecidos, verdes de todos os tons, claro, escuro, brilhante, fosco, amarelado, azulado, acinzentado... A estradinha de areão que leva para casa range sob a sola dos sapatos de Clarimundo, que rebrilha.

Clarimundo não pensa em mais nada senão em achar a casa: todos os sentidos estão alerta à procura do portão verde. Lá está ele. A placa é uma garantia: Cel. José Maria Pedrosa.

(...)

Caminha cauteloso como um invasor. Sobe os três degraus que levam ao alpendre. Aperta o botão da campainha. Uma criada abre a porta:

— Faça o favor de entrar.

Clarimundo entra, fica no hall grande, de parquê xadrez,

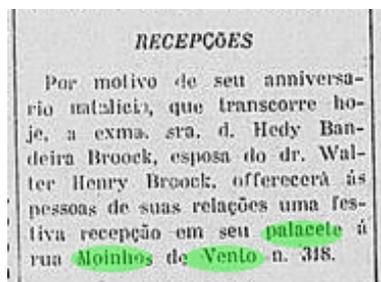
creme e negro. A escada que sobe para o primeiro andar começa ali. Brilham metais e madeiras polidas. Um lustre complicado, com grandes pingentes de vidrilho, pende do teto.

— Faça o favor de entrar pra sala — diz a criada, tomando do chapéu do recém-chegado.

O professor entra. A sala, com seus móveis à Luís XV, aumenta-lhe a sensação de desconforto. Clarimundo pensa nos seus sapatos grosseiros de sola espessa. A sua roupa surrada de casimira cinzenta, encolhida e amassada, é uma nota dissonante no salão de douraduras, jarrões em que se vêem pintados marquesas e marqueses de cabeleira empoada. — Faça o favor de sentar que eu já vou chamar D. Chinita — diz a criada (VERISSIMO, 2016, p. 196 e 197).

Neste bairro, em que vive a elite no romance, os personagens de-têm-se mais nas descrições dos interiores dos palacetes (CRUZ, 1994, p.69), mas nos trechos em que aparecem descrições urbanas é possível perceber que são mais relacionadas com os empregados mantendo um cotidiano dos exteriores das residências aristocráticas.

O trecho acima ajuda a compreender em parte algumas das questões sociais tratadas no livro. Clarimundo é um professor, muito erudito, que ministra aulas particulares a Chinita, e pelo fato de sua situação econômica não ser tão boa quanto à dos Pedrosa -família originária de Jacarenga que se mudou para a capital a pouco, pois havia ganhado na loteria -sente-se tanto deslumbrado quanto desalinhado no ambiente de riqueza do Palacete dos Pedrosa, o que se percebe claramente na passagem “é uma nota dissonante” (VERISSIMO, 2016, p. 197). Nos diálogos seguintes do romance Chinita enrola o professor para não tomar a lição, pois estava muito ocupada com os preparativos da festa que seria celebrada para inaugurar o Palacete à noite “Não sei de o senhor sabe, hoje papai e mãe vão dar uma baita festa” (VERISSIMO, 2016, p. 197), depois acrescenta que a festa foi anunciada em todos os jornais. O anúncio das festas em jornais era bastante típico no bairro, conforme pode ser observado na Figura 3, com um anúncio de festas na imprensa gaúcha na época e região:

Figura 3 - Anúncio de festa de aniversário.

Fonte: (A Federação, 1932, p. 2).

Já em uma aparição do bairro mais adiante no romance, observamos Noel:

Noel estende o olhar para a paisagem. Lá embaixo se vêem os telhados da Floresta. Mais além, contra um fundo arroxado de montanhas, um trecho do Guaíba com lentejoulas de sol. E quintais, pedaços de rua, sombras lilases, manchas douradas de luz, faiscações.

Agora o jardineiro abre a manga d'água e começa a regar os canteiros. O jorro claro se irisa ao sol. Noca volta do viveiro. As sombras vão crescendo e avançando no quintal.

Noel olha ainda a paisagem por um instante. Depois, volta para dentro do quarto (VERISSIMO, 2016, p. 329 e 330).

O rapaz olha pela janela e vê os telhados do Bairro Floresta, confirmando a localização do palacete da família Madeira no bairro Moinhos de Vento. O bairro continua mantendo a mesma configuração de cenas corriqueiras da elite com seus palacetes e a rotina de cuidados dos jardins sendo exercidas pelos empregados. Existe uma percepção nas descrições que devido a elitização deste bairro, o espaço público seria menos utilizado pelos moradores, logo as vias tornam-se “mais silenciosas e vazias. As socialidades costumam dar-se através de outras formas, mais protegidas e isoladas do resto da população” (CRUZ, 1994, p.69), como por exemplo os bailes e festas dentro dos palacetes.

Em uma das últimas descrições do bairro no romance, percebemos novamente o personagem Noel, que está feliz com o andamento do seu relacionamento com Fernanda e sai ao entardecer para visitar a amada. Noel descreve novamente o bairro, mas desta vez estas descrições vêm misturadas com sonhos para o futuro:

Noel avisa em casa que não vai ficar para a ceia, e sai para a rua.

Contente! mas dum contentamento inexplicável, que ele não sabe se vem da tarde bonita e calma, do fato de ter resolvido mudar de vida ou se tudo o que sente de alegria lhe nasce de saber que se aproxima a hora em que ele vai ver Fernanda de novo.

Tomar o bonde numa hora como esta é tolice. Melhor seguir a pé.

A luz da tarde é uma carícia. Os jardins a esta hora têm um perfume todo particular. As luzes ainda não se acenderam. O céu no alto é desbotado e igual. O horizonte, uma poeira vermelha e dourada.

O ar está frio. Num jardim, sobre um canteiro de relva uma criança loura vestida de verde brinca com uma bola vermelha. No alpendre uma *nurse* uniformizada e muito branca faz tricô sentada numa cadeira de vime.

Um dia ele e Fernanda poderão ter um bangalô assim.

Talvez mesmo um garoto louro brincando sobre a grama...

(...)

Pára a uma esquina. Vem da praça uma fragrância fresca de folhagens. A noite cai. Brotam janelas iluminadas em várias fachadas.

Noel retoma o seu caminho. Os combustores se acendem de repente. Piscam estrelas no céu (VERÍSSIMO, 2016, p. 329 e 330).

O entardecer narrado por Noel mostra um pouco dos avanços modernos de Porto Alegre na época, o primeiro que aparece é a questão do bonde, o meio de transporte elétrico já existia na capital desde 1908 em substituição aos pitorescos bondes puxados a burro (PESAVENTO, 2002, p. 275). E em um segundo momento o personagem descreve também o acendimento dos combustores que iluminavam a rua, estes combustores elétricos dizem respeito a um progresso que chegou à capital gaúcha com a Usina Municipal, no ano de 1908 e que estendeu a luz elétrica para os bairros no ano seguinte (PESAVENTO, 2002, p. 275). A iluminação elétrica “proporcionava outras imagens e sensações e vinha associada às representações de uma sociedade moderna e civilizada, tal como a existente dos grandes centros” (PESAVENTO, 2002, p. 321). No romance, o uso da energia elétrica não é destacado como novo, o uso de eletrodomésticos como a vitrola, por exemplo, é amplo, mas a questão da iluminação pública chama a atenção e conforta a caminhada de Noel do palacete dos Madeira até a casa da família de Fernanda que ficava na Travessa das Acácias no centro.

4.3 A zona central

Nesta zona é que ficam a Travessa das Acácias (rua onde moram as outras três famílias citadas no romance e a pensão onde mora o Professor Clarimundo), o Beco (no qual mora Cacilda), o Edifício Colombo (onde mora Salu) e as lojas dos proeminentes comerciantes da ficção Teotônio Leitão Leiria e Honorato Madeira. Praticamente todos os personagens do romance passam pelo centro em alguma das cenas do romance, o que justifica esta região ser a última em destaque, pois é a que tem mais volume de aparições na obra.

A vista de uma das residências da Travessa das Acácias é narrada pelo personagem Clarimundo:

Da sua janela, ponto culminante da Travessa das Acácias, o Prof. Clarimundo viaja o olhar pela paisagem. No pátio de D. Veva um cachorro magro fuça na lata do lixo. Mais no fundo, um pomar com bergamoteiras e laranjeiras pontilhadas de frutos dum amarelo de gemada. Quintais e telhados, fachadas cinzentas com a boca aberta das janelas. Na frente da sapataria do Fiorello, dois homens conversam em voz alta. A fileira das acácias se estende rua a fora. As sombras são dum violeta profundo. O céu está levemente enfumaçado e a luz do sol é de um amarelo oleoso e fluido. Vem de outras ruas a trovoada dos bondes atenuada pela distância. Grasnar de buzinas. Num trecho do Guaíba que se avista longe, entre duas paredes caiadas, passa um veleiro. (VERISSIMO, 2016, p. 63 e 64)

Esta vista seria a mesma que muitos habitantes do centro da capital gaúcha teriam de sua própria janela. O trecho relaciona-se com a descrição feita sobre as ruas que foram abertas de acordo com o Plano Geral de Melhoramentos, nas quais eram priorizados os “elementos formais do início do século XX, como avenidas com arborização lateral, com ou sem canteiros centrais que aparecem ao lado de um parque à moda francesa” (SOUZA, 2008, p. 248). A denominação da via deu-se devido ao canteiro de Acácias que existia na mesma e a presença de arborização era parte de uma das orientações da Intendência para a criação e reestruturação de vias.

Outra visão bastante interessante do centro da capital gaúcha é a proporcionada pelo personagem Salu, o morador do décimo andar do fictício Edifício Colombo:

Salu debruça-se à janela. Lá embaixo na rua movimenta-se um exército de bichos minúsculos. Correm os bondes de capota parda; chatos e rastejantes, parecem escaravelhos. Uma confusão de cores e formas móveis, um entrebalaçamento de fios de aço e de sons. Vermelhos e pardos, os telhados se estendem ao sol. Coruscam vidraças. Flutua no ar uma névoa azulada. (VERISSIMO, 2016, p. 39)

Salu é um homem de meia idade, descendente de uma família rica do interior, que em sua visão do centro associa as pessoas que circulam na rua com formigas e os bondes com escaravelhos, pois os observa de cima, mais especificamente da sacada de seu apartamento. O centro é a região mais populosa da capital, e por isso é natural que a verticalização da cidade comece por ali. As edificações em altura tiveram “início nos anos trinta, com a construção de sucessivos prédios altos como os edifícios Frederico Mentz (Hotel Jung, c.1931) e Imperial (c.1931), ambos da autoria de Agnelo Nilo de Lucca” (LUCCAS, 2004, p. 96). Observa-se que os anos de construção são anteriores à 1934, ano em que seria escrito *Caminhos Cruzados*, portanto os edifícios em altura já estavam presentes na cidade e no imaginário do autor na hora de descrever a cidade. No romance o edifício Imperial é um edifício alto com uso misto, em que os primeiros pavimentos davam espaço as modernas salas de cinema e o restante era ocupado por apartamentos, conforme pode ser observado na Figura 4. O personagem Salu não cita o cinema, portanto seu apartamento no romance não deve estar localizado no Imperial, entretanto este edifício aparece em outros momentos:

João Benévolo dobra a primeira esquina e sobe rumo da parte alta da cidade. A fila de combustores se estende como um colar de luas. Lá no alto, o Edifício Imperial se recorta contra o céu da noite: em cima dele o grande letreiro luminoso brilha — num apaga e acende vermelho e azul — diz:
FIQUE RICO. LOTERIA FEDERAL (VERISSIMO, 2016, p. 104).

O personagem João Benévolo, que observa o Imperial, é um pai de família, vive na Travessa das Acácias e trabalhava no Bazar Continental, mas fora demitido e agora ele e sua família encontram-se em uma situação monetária muito difícil. Portanto, o anúncio que prometia riqueza obviamente chamaria atenção de João Benévolo que passa os dias do romance perdido entre as suas fantasias literárias e a busca de um novo emprego para garantir o sustento de sua família.

Figura 4 - Edifício Imperial.



Fonte: (COMUNICAÇÃO, 2008).

Já o Bazar Continental é uma das lojas do efervescente centro da capital que é descrita no romance:

Na galeria, Teotônio detém-se e baixa o olhar para o salão grande da loja. Longas, longas prateleiras de vidro, mostradores faiscantes com frascos coloridos — Guerlain, Coty, Myrurgia, Lubin, Caron — sedas, roupas feitas, gravatas, colarinhos. O pavimento é de ladrilho colorido. Burburinho, mulheres de vestidos de muitas cores, confusão de vozes. Os caixeiros passam apressados dum lado para outro. Um pretinho vestido de groom (idéia de D. Dodó) passa sobraçando caixas brancas e compridas. A registradora da caixa tilinta, a gaveta salta (VERISSIMO, 2016, p. 92).

Porto Alegre, no censo municipal de 1910 contava com 2.294 casas de comércio (OLIVEIRA, 1985, p. 133), a cidade possuía um marcante caráter comercial e de prestação de serviços, principalmente por ser a capital do Estado e por possuir um porto, muitas das novidades chegavam primeiro na capital para capilarmente se espalharem pelo interior. Teotônio descreve um pouco quais produtos circulavam pela capital e o barulho da caixa registradora pode ser relacionado com o lucro da loja.

Outra loja que aparece nas páginas de *Caminhos Cruzados* é a Casa

Sloper, comércio tradicional, no qual Pedrinho compra um colar para sua amada Cacilda, dinheiro juntado com muito esforço pelo rapaz de 16 anos:

Pedrinho consegue licença para sair mais cedo da loja. Vai agora abrindo caminho por meio da multidão que formiga nas calçadas e no centro da rua. Depois que a gente trabalha um dia inteiro e que sai para a rua, de tardezinha, fica tonto no meio do tumulto. Parece que tudo gira. As pessoas dizem as coisas e a gente fica por um momento sem compreender, com ar de palerma. (...) No meio da multidão passam mulheres bem vestidas e perfumadas. Nenhuma tão bonita como Cacilda. (...) Casa Sloper. Pedrinho olha as vitrinas: ali está o colar, parece uma cobra de brinquedo. Entra, caminha para o balcão. — Já foi atendido? É uma caixeirinha de preto, bonitinha, mas não tanto como Cacilda. — Eu queria ver um colar ali da vitrina... Fala meio tremido, a comoção a apertar-lhe a garganta. Que bobo que sou! A coisa mais simples do mundo: comprar um colar de seis mil-réis... No entanto ele mal sabe se exprimir, está todo confuso, com as orelhas em fogo (VERISSIMO, 2016, p. 328 e 329).

A casa Sloper localizava-se na rua dos Andradas -antiga rua da Praia -a rua mais antiga da cidade e um dos principais centros comerciais da moderna cidade de Porto Alegre. Muito frequentada por ser o local onde havia os “lojistas e o comércio elegante, mais do que nunca, o centro cívico, o ponto de reunião de políticos, de estudantes, o núcleo principal dos cafés, confeitarias e cinemas” (FRANCO, 2018, p. 31). O centro no final da tarde era uma região muito movimentada, e o menino sente-se engolido pela multidão. Após a compra o personagem dirige-se para a casa de Cacilda, que ficava no beco, chegando lá é surpreendido:

Pedrinho entra no beco. Coração batendo. (...) Lá no fundo da rua, bem perto da casa de Cacilda, nota-se uma desusada aglomeração de gente. Vozes, correrias, confusão. De repente o carro da Assistência passa a toda velocidade, com a sereia gemendo. Pedrinho acelera o passo. Cabeças curiosas assomam às janelas. Passam pessoas comentando. Pedrinho ouve frases soltas. “Uma facada no peito...” “... o amásio fugiu...” De repente sente um amolecimento de pernas, uma opres-

são estranha no peito. Meu Deus, foi a Cacilda! Quer perguntar a alguém... Mas lhe falta coragem. (...)

Pedrinho pára na frente da janela. Vontade de chorar, as mãos geladas, coração batendo com força.

Na penumbra do quarto um vulto se agita. Um vulto que se vai definindo, familiar, contra o fundo de sombra. Uma figura calma que ali está com os olhos brilhando, a cabeça atirada para trás.

— Cacilda!

Os olhos de Pedrinho se turvam de lágrimas: outra vez a imagem imóvel fica toda trêmula e esfumada. Ele aperta o colar no bolso. Então não foi ela! Oh! Deus, que bom, que bom, que bom!

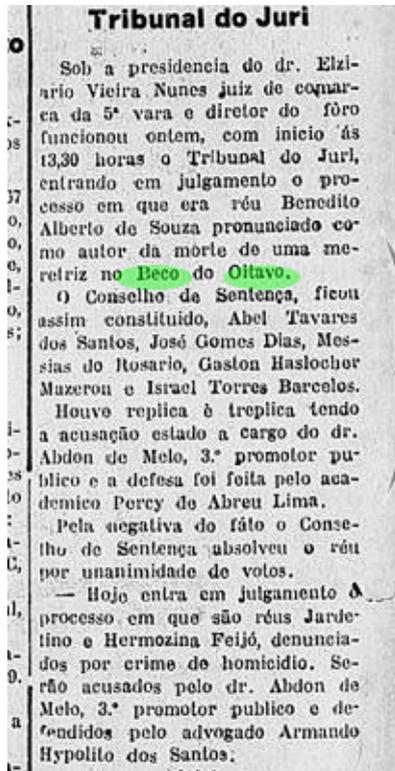
De dentro do quarto vem a voz tranqüila e macia:

— Entra nego, que está frio (VERISSIMO, 2016, p. 337, 338 e 339).

Ao longo da leitura de *Caminhos Cruzados* o beco não é nomeado, mas devido a descrição de Pedrinho quando está deixando a casa da amada: “caminha. Luzes do Parque da Redenção. Bondes que passam. Uma visão mais larga do céu” (VERISSIMO, 2016, p. 189), pode-se associar o local no romance com o antigo Beco do Oitavo, atualmente Avenida Desembargador André da Rocha, região que “ali existiu desde a construção do quartel do 8 Batalhão de Infantaria, em torno de 1828” (FRANCO, 2018, p. 34). O Beco do Oitavo figurava muito nas páginas policiais, violência, vadiagem e prostituição eram constantemente relatados no local, e o evento que inspirou Erico Verissimo na escrita do capítulo 112 de seu romance de fato aconteceu, conforme pode ser observado na Figura 5, na qual noticia-se o julgamento de um réu acusado de matar uma meretriz a facadas no Beco do Oitavo.

Os becos e cortiços foram alvos de intervenções da intendência durante as execuções das obras previstas pelo Plano Geral de Melhoramentos. O Beco do Oitavo recebeu obras que retiraram as características de violência da região no ano de 1938, quando o prefeito José Loureiro da Silva, desapropria as casas que margeavam a rua e a transforma em uma larga Avenida de duas pistas (FRANCO, 2018, p. 35).

Figura 5 - Violência no Beco do Oitavo.



Fonte: (A FEDERAÇÃO, 29/06/1934, p. 4.)

Ainda compreendendo os esforços para modernizar o centro da cidade de Porto Alegre, deve-se observar o uso dos transportes modernos, como o bonde e o automóvel que permeavam as ruas da capital. Em *Caminhos Cruzados* um destes meios de transporte aparece através da descrição do Professor Clarimundo:

Clarimundo espera o bonde. O monstro amarelo pára. O professor entra e senta-se num banco. Oito passageiros. O elétrico põe-se em marcha. Desfilam as casas da Independência: fachadas claras e escuras, postes, vitrinas, pessoas, árvores. Depois, os Moinhos de Vento. Passam-se alguns minutos. O professor aperta no botão da campainha, o bonde diminui a marcha e finalmente pára, ele desce (VERISSIMO, 2016: 195 e 196).

O personagem ajuda novamente a situar a Travessa das Acácias no centro, pois o bonde toma a Rua Independência e chega ao bairro Moinhos de Vento. O professor tem como destino o Palacete dos Pedrosa. A descrição

pode ser considerada verossímil por meio da Figura 6, na qual se observa o mapa das linhas de bonde de Porto Alegre: em linhas cheias destacam-se o percurso onde passava o bonde elétrico e em linhas tracejadas os trajetos que eram complementados com ônibus no ano de 1928.

Outro ponto importante a destacar através das descrições feitas de meios de transporte no livro é que os personagens relacionados com o núcleo das famílias trabalhadoras do romance deslocavam-se exclusivamente a pé ou através do bonde elétrico. O que já não acontecia com os personagens, integrantes do núcleo mais abastado. Salu, por exemplo, possuía o próprio automóvel. Noel não dispunha de um carro, e falava sobre tomar o bonde ou ir caminhando ao encontro de Fernanda, entretanto não era porque sua família não possuía um automóvel e sim pelas vontades do rapaz, como pode ser observado na descrição de Virgínia (mãe de Noel):

Durante todos esses anos fizeram-se novas amizades, o casal foi duas vezes ao Rio de Janeiro, comprou um Ford que mais tarde foi trocado por um Packard e agora Virgínia está na frente do espelho, embaraçada e tonta, porque não pode compreender o mistério... (VERISSIMO, 2016, p. 153).

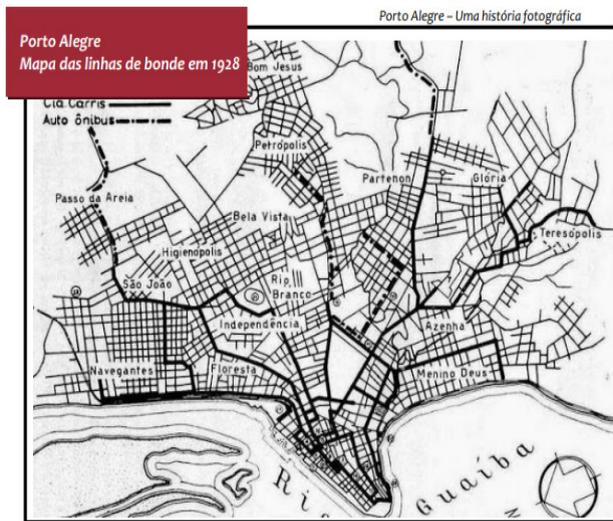
Já a senhora Dodó Leiria, esposa do comerciante Leitão Leiria, fazia uso de seu automóvel para deslocar-se pela capital com motorista particular:

Ah! Os romances de Gaboriau, Escrich, Ponson du Terrail! Uma saudade muito tênue turba por um instante a mente e os olhos de João Benévolo. A voz de Laurentina:
— É o auto da D. Dodó.
— Da mulher do Leitão Leiria? Mas que será que anda fazendo por estas bandas?
O chofer de uniforme azul com botões dourados desce de seu lugar, tira o chapéu e abre a porta. Um vulto salta para a calçada. É uma senhora gorda, vestida de seda azul com enfeites de renda bege; na cabeça, um chapéu que lembra uma grande rosca preta e lustrosa. Os seios bastos se projetam para a frente, como uma marquise a sobressair duma rotunda.
— É ela mesma! — confirma Laurentina. (VERISSIMO, 2016, p. 72).

A visão de Laurentina (esposa de João Benévolo cuja família passava por problemas financeiros) da chegada de Dodó à travessa das Acácias demonstra a diferença entre os dois mundos que Erico Verissimo tentava retratar em seu romance, um deles simples e o outro pomposo. Laurentina

mal via o exterior de sua residência, pois entre os intervalos de seu trabalho de costureira ficava a volta de seu único filho Manuel, que estava adoentado, já Dodó levava outra vida: andava pela cidade a bordo de seu Chrysler Imperial com motorista, entre visitas de caridade proporcionadas através do seu cargo de Presidenta da Associação das Damas Caridosas, encontros com o esposo e bailes de luxo. Dodó não vivia no centro, apenas passava pela região, o que ressalta ainda mais as diferenças entre as personagens.

Figura 6 - Mapa das linhas de bonde em 1928



Fonte: WALTER, 2016, p. 161.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capital gaúcha descrita em *Caminhos Cruzados* revela parte da pluralidade que existia na Porto Alegre dos anos 30 durante o período da modernidade urbana, pois mostra o quanto as camadas sociais e as realidades da mesma cidade podem ser múltiplas ao se entrelaçarem a história de seis famílias. Observa-se que a cidade só era completamente acessível para os personagens que viviam na camada social mais alta, e que somente alguns dos personagens retratados como moradores da Travessa das Acácias - Professor Clarimundo e Fernanda - foram capazes de romper com o isolamento e adentrar no Moinhos de Vento.

Ainda em relação a percepção do espaço urbano em modernização, a zona sul é fortemente vendida como uma região de expansão da cidade, lugar onde havia uma calma que não era alcançada nas outras regiões da

cidade. Quanto ao bairro Moinhos de Vento entende-se que era uma região pacata da cidade, voltada para a habitação das famílias mais ricas. Já a zona central trata-se de uma região na qual borbulham oportunidades, onde todos os personagens se encontram e perpassam durante o dia, entretanto, no romance, apenas moram na região as famílias mais simples mostradas na Travessa das Acácias.

É bastante demarcado que apenas os personagens representados como da elite da população da capital tinham acesso à inovação que era o automóvel, quanto ao restante dos personagens, os mais pobres, eram descritos como usuários de transporte público (bonde) ou como pedestres.

Erico Verissimo representou, através da narrativa uma espécie de microcosmo da sociedade porto-alegrense dos anos 30, apresentando a capital em seu processo de modernização urbana e uma sociedade ainda provinciana, em que a pequena burguesia comerciária representa o papel de elite urbana com poucas possibilidades de ruptura social.

REFERÊNCIAS

- A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre, nº 51. 04 Mar. 1932. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=palacete%20moinhos%20de%20vento&pagfis=70765>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre, nº 138. 18 Jun. 1934. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pesq=ipanema&pasta=ano%20193&pagfis=75662>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre, nº 148. 29 Jun. 1934. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=beco%20do%20oitavo&pagfis=75733>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- A FEDERAÇÃO: Orgam do Partido Republicano. Porto Alegre, nº 164. 23 Dez. 1935. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pesq=%22trenzinho%20do%20oriacho%22&pasta=ano%20193&pagfis=78721>>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- APPEL, Carlos Jorge. *O romance de 30*. Porto Alegre: Movimento, 1983.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*: Marx, modernismo e modernidade urbana. 1986.1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

- BRESCIANI, Maria Stella. (2018). As sete portas da cidade. In: *Da cidade e do urbano: experiências, sensibilidades, projetos*. Org.: Josianne Cerasoli, Marcia Naxara, Rodrigo de Faria. 1ª.ed -São Paulo: Alameda.
- CALABI, Donatella. *História do Urbanismo Europeu*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CRUZ, Claudio. *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- COMUNICAÇÃO Social da Prefeitura de Porto Alegre. *Reforma do edifício Cine Imperial será assinada amanhã*. Foto de Ricardo Giusti. 18/11/2008. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=99245&p_secao=3&di=2008-11-18>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- COSTA, Fabricio Santos da. *O papel social do escritor e a sociedade no papel, em Érico Veríssimo*. (dissertação) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. 5ª ed. Re. Ampl. - Porto Alegre: Ed. Edigal, 2018.
- LUCCAS, Luis Henrique Haas. *Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do “gênio artístico nacional”*. 2004. Tese (Doutorado em Arquitetura) -Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- PICON, Antoine. (2001) Racionalidade Técnica e Utopia: A Gênese da Hausmanização. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org). *Cidades Capitais do Séc. XIX*. São Paulo: Edusp.
- POLESSO, Natalia B. *Literatura e Cidade: cartografias metafóricas e memória insolúvel de Porto Alegre (1897-2013)*. (tese) Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.
- OLIVEIRA, Clovis Silveira de. *Porto Alegre: a cidade e sua formação*. Porto Alegre: Gráfica e Editora Norma, 1985.
- SOUZA, Célia Ferraz de. *Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernidade urbana da cidade*. 1ª. ed. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008. v. 1.
- VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato em que o pintor também aparece*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.
- VERISSIMO, Erico. *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

WALTER, Clara N. S. *A sociabilidade na cidade moderna - os bondes e a Porto Alegre de 1890 a 1945*. (tese) -Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

Submetido em 01/12/2021

Aceito em 28/07/2022